



RESSONÂNCIAS

BOLETIM DA CAUSA DE CANONIZAÇÃO DE LUIZA ANDALUZ

Fundadora da Congregação Servas de Nossa Senhora de Fátima

“Coragem e confiança! Coragem para enfrentar com calma e sem desânimos os deveres e as dificuldades de cada dia, confiança para trilhar sem receio o caminho traçado, certas de que Deus é bom, ama-nos, tudo pode e nunca falta a quem ‘Ele confia.’”

Luiza Andaluz (1952-1953)

Publicação trimestral, nº 78 Agosto de 2020

A VOCAÇÃO É DOM E É PARTILHA

Deus prepara-nos sempre! Seduz-nos e conduz-nos. É generoso em acompanhar-nos, desde toda a eternidade, mas aguarda o retorno da nossa vida, na relação com Ele, no serviço aos outros.

Assim foi na história de Luiza Andaluz. A 15 de Agosto de 1915, aos 38 anos de vida, estando de visita ao Carmelo de Echavacoiz, Pamplona, no final da Eucaristia, a Serva de Deus, experimentou um sobrenatural momento de comunhão com Deus, percebendo que era chamada à Vida Religiosa. Por ser dia da Solenidade da Assunção de Nossa Senhora, vê

aí sinal de Deus e diz: *Nesta ocasião também Ela (Maria) não me faltou e amparou-me eficazmente a firmar a minha vocação religiosa, que tinha vindo tão tardia e inesperadamente. Há muito tempo, é certo, que as coisas do mundo me não interessavam. Eu apreciava muito tudo que era para Deus ou fosse oração ou fosse apostolado; sentia-me feliz a cuidar dos pobres por Seu Amor, porém não ia mais longe, ainda não tinha soado para mim a hora do chamamento Divino, da vocação religiosa, embora Nosso Senhor estivesse trabalhando a minha pobre alma, desprendendo-me*

por diversas formas dos gozos terrenos e preparando-me para receber graças incomparavelmente mais preciosas.

Como Luiza recordemos os chamamentos que temos recebido e de coração agradecido cantemos a Deus que nos dá a vida, a vocação, a missão. Com os olhos em Maria, a serva do Senhor, ousemos teimar na fidelidade para trilhar sem receio o caminho traçado, [certos] de que Deus é bom, ama-nos, tudo pode e nunca falta a quem Nele confia! (Luiza Andaluz).

Ir. Lucília Gaspar

VOCAÇÃO: DOM RECEBIDO E PARTILHADO

«Recebestes de graça, dai de graça.» (cf. Mt 9,3 – 10,8)

Neste ano com características tão atípicas e desafios tão gritantes, guia-nos ao encontro da Palavra o evangelista Mateus, que nos apresenta o **olhar de compaixão de Jesus** ante a situação de sofrimento e abandono das multidões: «*can-sadas e abatidas, como ovelhas sem pastor*». Face à difícil realidade das multidões: Jesus confia no Pai e convida os seus discípulos a fazer o mesmo: “*Pedi ao dono da messe que envie trabalhadores...*”.

Mas logo mostra que não basta só esperar de Deus Pai a resposta para o sofrimento e abandono das

pessoas: é necessário também o compromisso e dinamismo missionário da comunidade. É então que Jesus constitui os discípulos como apóstolos, que recebem o poder e são enviados para fazer o mesmo que Jesus. Esta passagem culmina com uma apelo a tudo realizar na lógica do amor e da gratuidade: «**Recebestes de graça, dai de graça.**»

Jesus deixa claro as características da missão do discípulo: **compaixão, amor, gratuidade.**

É fácil decalcar o olhar da Venerável Luiza Andaluz no olhar

de Jesus e identificar, na sua vida, as características da missão do discípulo. Podemos afirmar que, bem cedo, ela percebeu que ninguém pode receber os dons de Deus e retê-los para si, para o seu culto pessoal, para o seu crescimento enquanto pessoa e filho de Deus, mas que os dons que recebemos são para ser partilhados, colocados ao serviço dos outros. Luiza recorda-nos que: «*Quem ama a Deus com ardor não se pode limitar só a amá-Lo mas procura que os outros também o amem e O sirvam.*» e diz-nos: «*Saibamos repartir com*

os outros a felicidade imensa de que goza a nossa alma no conhecimento de Deus.»¹

Recordemos o que foi o seu apostolado infantil e juvenil, o crescendo da sua vida cristã, empenhada em Igreja e com o mundo, até assumir o Dom da Vocação e Consagração religiosa, vivendo «*Desapegada de tudo o que não fosse o reino de Deus. Transporte próprio, Luiza não o tinha*»², mas era tal o seu desvelo que fazia «*10 viagens grandes em 14 dias*», nem se dando conta do esforço despendido³. Não é em vão que diz: «*Quando se trabalha puramente por Deus, esse trabalho encerra para nós tanta felicidade que nem sentimos quando nos traz sofrimentos*»⁴.

Às suas filhas espirituais exortava: «*Sejamos apóstolas. Saibamos pôr ao serviço do Senhor todos os dons que Ele nos concedeu e isto com zelo constante e incansável!*»⁵.

Quase no ocaso da vida, Luiza recorda: «*A Fé em Deus, que me orientou desde os primeiros anos, levou-me a procurar o bem do próximo, sobretudo dos pobres, dando-lhes, na medida do possível, habilitações para poderem enfrentar a vida*»⁶. Para Luiza o verdadeiro amor a Deus é concreto, está nas obras, é um amor constante que visa a promoção integral dos pobres e pequeninos. A sua vocação foi a sua vida feita oração, tecida na alegria

e felicidade de buscar o bem dos outros: «*Senhor, os dons que nos deste nós os depomos nas vossas mãos, dignai-vos utilizá-los para vossa Glória.*»

O Dom recebido foi partilhado até ao fim e a sua vida entregue nas mãos do seu Senhor ao findar do dia 20 de Agosto de 1973.

¹ ANDALUZ, Luiza, *Pensamentos*.

² Cônego Dr. António Henrique de Figueiredo Sarmento, *Depoimentos*, Proc. IV, 0920.

³ Cf. Carta à irmã carmelita, s. d. (data provável - abril de 1940).

⁴ ANDALUZ, Luiza, *Pensamentos*.

⁵ ANDALUZ, Luiza, *Pensamentos*.

⁶ ANDALUZ, Luiza, *Discurso na atribuição da Medalha de Ouro da cidade de Santarém a 28/4/1966*.

ACEITARIA TODAS AS MENINAS ÓRFÃS DE MÃE DO DISTRITO

“Em meados de 1918 começa a alastrar por todo o país a terrível epidemia a que se deu, na ocasião, o nome de pneumónica. Encontrava-me em Santarém, também adoeci muito benignamente atacada, contudo, como fui proibida de expor a minha saúde, não pude ir pessoalmente visitar as famílias atingidas pela epidemia. Faleceu muita gente em todo o distrito. Mesmo de casa, procurei fazer o que podia mandando as pequenas - o povo não teme os contágios – eu por elas também não temia, porque iam expor a saúde, mas por Deus e em benefício do próximo. (...)

Os bombeiros voluntários de Santarém estabeleceram uma espécie de cooperativa onde os pobres, a troco de senhas, iam buscar, gratuitamente

ou por pouco dinheiro, as mercearias e outros alimentos de que necessitavam. Eu tinha organizado uma escrita com indicação dos diferentes bairros onde havia doentes, mencionando moradas, nomes, circunstâncias, número e idade dos filhos, etc. Vinham pedir-me estas indicações e por elas se regulavam para a sua distribuição de víveres e outros donativos, pois sabiam [que] eram seguros. Isto também me serviu muito bem, porque na entrega das senhas podia aproveitar o ensejo de, mais facilmente, conseguir alguns casamentos e inúmeros baptizados. Nas visitas às casas, as pequenas iam fazendo o possível apostolado, tomando notas por onde nos regulávamos para que se lhes levasse todo o amparo religioso possível. Foram sobretudo



admiráveis no seu zelo as obreiras da casa de trabalho: Maria Barradas, Francisca Silva e Natércia Rosa. Recordo ainda o nome de muitas outras que, sempre durante longos anos se mantiveram dedicadas à casa e fiéis aos preceitos e conselhos ali recebidos (...). Ainda não tinha abrandado o flagelo quando comecei a convocar reuniões das senhoras de Santarém. Nelas expunha a situação angustiosa das classes pobres e pedia esmolas em roupas novas e usadas e em géneros, que se pudessem repartir. Tudo se aproveitava e na verdade foi muito o que me vieram trazer. Dizia-lhes que os bombeiros e os estudantes já tinham feito da sua parte e que entendia nos competia a nós amparar as crianças, que tinham ficado sem mãe. A seguir fiz constar que aceitaria todas as meninas do distrito que tivessem ficado órfãs e que necessitassem ser recolhidas,

creio foram umas 60 as que se vieram inscrevendo. Habituada a contar sempre com a Providência nada me fazia confusão, pois estava certa de que tudo se arranjaría e de facto tudo se arranjou. Ao saber dos meus planos logo dos quartéis me vieram oferecer o empréstimo de camas novas, que lá tinham em reserva: aceitei. Depois apareceram os bombeiros a oferecer-se para ajudar a fazer os transportes e a armar as camas, fazer mudanças das mobílias, etc.

A 2 de Dezembro deste mesmo ano de 1918, entravam as crianças e com que alegria as recebemos! Tinham falecido muito mais mulheres do que homens, mas houve uma casa na Portela onde a pobre mãe viúva ficou sozinha com o encargo de 10 filhitos pequenos. Lá me apareceu com o seu ranchinho. Na sala, onde a recebi, mal pude conter as lágrimas. Ela olhava de uma filhinha

para outra sem poder resolver quais havia de deixar e tão depressa resolvia entregar alguma, como logo voltava atrás sem coragem de a dar. Acabou por se retirar levando os filhos todos e a todos com o seu esforço conseguiu manter e educar conforme mais tarde tive ocasião de saber.”

Foi justamente nos fins de Dezembro de 1918 que também adoeceram gravemente os pequenos videntes, Francisco e Jacinta Marto, atacados da mesma broncopneumónica, vindo o Francisco a falecer na sua casa a 4 de Abril de 1919 e a Jacinta no Hospital de D. Estefânia.

Luiza tornava-se, assim, sinal da bondade e da solicitude de Deus, ela que sempre confiava, desmesuradamente, e não só envolvia como também atraía ao exercício da sua actividade generosa muitas outras pessoas de boa vontade. (In *Itinerário de Luiza Andaluz*, pp. 75-77)

GRAÇAS E DONATIVOS

Laura Bettencourt

Venho, por este meio, agradecer várias graças que me foram concedidas, por intercessão da Serva de Deus, Luiza Andaluz. Os meus netos e netas passaram nos seus exames finais, com boas notas. Peço as vossas orações pelos meus filhos e genro que se encontram doentes, e ainda por mim. Peço a publicação.

António Malta

Venho por este meio comunicar mais uma graça concedida. Rezando a oração pela canonização de Madre Luísa Andaluz. Num contexto difícil, com Internet mais lenta, em regime não presencial, a minha filha conseguiu concluir a Licenciatura em Psicologia, na Universidade de Lisboa, não baixando a sua média: até a consolidou subindo três centésimas. Teve aprovação na primeira fase a todas as disciplinas,

ficando de nota final, com dois quinze, dois catorzes e um treze. Teve vaga para o Mestrado de Psicologia Clínica Sistémica, que vai iniciar no próximo ano letivo.

Agradecida por tantas graças concedidas pela nossa Mãe Andaluz, junto do Pai, envio este singelo donativo para a causa de canonização que no meu coração ela já existe. 50 euros

- Guilhermina Pinto Cardoso -100€

A postulação agradece, reconhecida, os contributos recebidos.

VISITAS À CRIPTA DE LUIZA ANDALUZ

A cripta onde se encontra o túmulo de Luiza Andaluz, em Santarém, junto ao Santuário do Milagre, está aberta a todas as pessoas que a queiram visitar e permanecer em oração. Tempos de oração comunitária:

Domingo: 16h30 Adoração ao Santíssimo Sacramento e 17h30 Oração de Vésperas

Casa Madre Andaluz, Largo do Milagre 55, 2000-069 Santarém | Tel. +351 243 333 726 | casamae@servasnsfatima.org

ORAÇÃO

Senhor, Pai Santo, nós vos damos graças por terdes dinamizado Luiza Andaluz com grande zelo apostólico e amor à Igreja e por terdes enriquecido o seu coração com os dons de bondade, de caridade e de profunda sensibilidade aos problemas e sofrimentos das pessoas, sobretudo das mais pobres.

Se for da vossa vontade, glorificai a vossa serva Luiza e concedei-nos por sua intercessão, a graça que vos pedimos (enunciar o pedido). Ámen.

Com aprovação eclesiástica

Escreva-nos, comunicando os ecos e interpelações que, em si, Luiza Andaluz desperta e as graças obtidas por sua intercessão. Agradecemos todos os contributos para esta causa. Por favor, envie a sua correspondência, devidamente identificada para:

Postulação Luiza Andaluz

Largo de S. Mamede, n.º. 1; 1250-236 Lisboa / Portugal

Telf.: (00351) 213 961 146

E-mail: gov.geral@servasnsfatima.org / www.servasnsfatima.org

IBAN - PT50 0035 0675 000 422 909 3098